

DEVIRES CIBORGUES, PARA ALÉM DOS BITS DE SILÍCIO

Marcos Daou
Psicólogo (PUCRS) e Educador Físico (UFRGS)
Mestre em Psicologia Social pela PUCRS, bolsista Capes.
sirmarcos@hotmail.com

Viviane Giusti Balestrin
Psicóloga (PUCRS). Mestre em Psicologia Social pela PUCRS
bolsista Capes e com Mestrado-Sanduiche na Universidade Autônoma de Barcelona (UAB)
pelo Programa Alban
vivianeblestrin@gmail.com

RESUMO

Através deste artigo teórico buscamos desnaturalizar a questão da materialidade do corpo e seus atravessamentos com a performatividade de gênero, utilizando a figura do ciborgue para retratar questões relativas ao corpo, à tecnologia e as práticas esportivas. A relação corpo-máquina é um contínuo, onde a figura do ciborgue sai da ficção e se instaura na vida cotidiana. A hibridização do corpo está imbricada nas esferas sociais, culturais e espaços-tempos que, além de esculpir o corpo, modelizam a subjetividade. Ao longo dos anos, os sujeitos vêm sendo examinados, classificados, nomeados, definidos e ordenados pelas marcas que incorporam em seus corpos. Através dos estudos culturais e estudiosos/as feministas, problematizamos a questão do corpo como instância cultural e política.

Palavras-Chave: Corpo; Ciborgue; Cultura; Práticas Esportivas; Subjetividade.

ABSTRACT

Through this theoretical article we look for to denaturalize the subject of body materiality and theirs throughout with gender perform, using the term cyborg to portray relative subjects to the body, to the technology and the sporting practices. The relation between body-machine is a continuous, where the illustration of the cyborg leaves the fiction and it is established in the daily life. The body-machine combination appears in the social, cultural spheres and space-times that, besides sculpting the body, they made a new subjectivity. Along the years, the subjects had being examined, classified, nominated, defined and ordered by the marks that incorporate in its bodies. Using some cultural studies and feminist studiers, we will answer the subject of the body as cultural and political instance.

Key- Words: Body; Cyborg; Culture; sporting practices; Subjectivity.

Corpo, tecnologia e subjetividade

Em tempos de Copa do Mundo (ano 2006, século XXI), vamos aos estádios de futebol portando ingressos com chips, assistimos as partidas em tempo real nos “supertelões”, presenciamos sistemas de orientação que evitam tumultos e congestionamentos para receber milhares de torcedores. Para quem fica em casa, a opção de assistir aos jogos também é múltipla. Pode-se ouvir pelo rádio, assistir pela TV, acessar a internet - através das redes de tráfego de dados, imagens e sons - com velocidades que se aproximam ao tempo real. Se preferir, os telefones celulares também mostrarão os jogos ao vivo. Dentro de campo, a tecnologia desponta em todos os sentidos.

Uma bola mais redonda que possibilita uma trajetória mais previsível, uma chuteira que proporciona precisão no chute e rapidez nas arrancadas, uniformes que eliminam o calor e ajustam-se ao corpo. Para onde quer que se olhe, podemos retratar breves histórias do cotidiano que estão marcadas pela inundação tecnológica, não só nas práticas esportivas, como também, nas práticas da vida.

A inserção das tecnologias digitais, dos computadores e a centralidade da mídia informacional parecem ter ecos na vida social como um todo e na própria vivência do corpo e de si como sujeito. Escrevemos sobre uma subjetividade na era digital, de uma vida em rede, que se move por conexões, que se entende como autor e que se faz em produção. No final do século XX, como bem escreve Haraway (2000, p. 40), “neste nosso tempo, um tempo mítico, somos todos quimeras, híbridos – teóricos e fabricados – de máquinas e organismo; somos, em suma, ciborgues”. Um mundo de ciborgues pode significar realidades sociais e corporais vividas, nas quais as pessoas não temam identidades permanentemente parciais e posições contraditórias. Essas redes híbridas são os ciborgues e eles não se limitam a estar à nossa volta – eles nos in-corporam, como bem mapeia Kunzru (2000):

Ser um ciborgue não tem nada a ver com quantos bits de silício temos sob nossa pele ou com quantas próteses nosso corpo contém. Tem a ver com o fato de o sujeito ir à academia de ginástica, observar uma prateleira de alimentos energéticos para *bodybuilding*, olhar as máquinas para malhação e dar-se conta de que ela está em um lugar que não existiria sem a idéia do corpo como máquina de alta performance (p.26).

Este artigo é parte de um estudo teórico que vem sendo realizado no grupo de pesquisa “Estudos Culturais, Identidades/Diferenças e Teorias Contemporâneas” e “Relações de Gênero”, tendo como embasamento teórico, à influência do pós-estruturalismo¹ francês. Visa-se discutir a desnaturalização da materialidade do corpo e seus atravessamentos com a performatividade de gênero, utilizando a figura do ciborgue para retratar questões relativas ao corpo, à tecnologia e as práticas esportivas.

Os agenciamentos produzidos pela relação corpo-máquina tornam-se relevantes de estudo, devido à importância que assume na produção da subjetividade e na sua inclusão dentro do sistema social mais amplo. Pensamos que uma das funções da psicologia social na atualidade é a de realizar uma ontologia do presente e colocar em questão quem somos e como nos constituímos historicamente. Será neste exercício de estranhamento do objeto e do senso comum, que será possível historicizar as práticas e mostrar o caráter construído do social.

Os próprios sujeitos estão empenhados na produção do gênero e da sexualidade em seus corpos e ao ousarem se construir como sujeitos nesses espaços, na resistência e na subversão das normas regulatórias, eles/as parecem expor como essas normas são feitas e mantidas. Não poderíamos deixar de nos perguntar, então, sobre os campos de possibilidades que se abrem com o irrompimento dessa interação corpo-máquina.

¹ Entendemos pós-estruturalismo num sentido de descentrar as estruturas, abalando a idéia de sistematização e universalidade, preservando a linguagem do discurso, práticas constituidoras do sujeito e atentas na idéia da diferença, num sentido ampliado. Abala a fixidez dos significados, traz a incerteza, podem coexistir (e se confrontar) muitas verdades. *Nota pessoal.*

Nas páginas seguintes, será possível encontrar discussões acerca *De qual Sociedade falamos?*, *Rupturas culturais: um olhar ao corpo*, *Entre onde está esse sujeito híbrido?* e *Tecnologia nas Práticas*. Enfim, além das problematizações possíveis, buscamos elucidar os campos de possibilidades desses diversos dispositivos que constantemente nos atravessam e re-significam o nosso modo de ser, vivenciar e pensar o mundo e as relações.

De qual Sociedade falamos?

Essas incorporações, essas marcas em nosso corpo perpassam todos os domínios da relação social, chegando a uma linha automatizada de produção em uma fábrica, uma rede de computadores em um escritório, os dançarinos em um clube, luzes, sistemas de som, por exemplo.

Transitamos entre uma sociedade industrial, um sistema polimorfo e informacional. É no domínio desta racionalidade científica, no desenvolvimento da era industrial, no aparecimento das grandes instituições, que se configura a sociedade disciplinar, denominação de autoria de Foucault (1977). É nesse movimento de esquadrihar, desarticular e recompor que está a habilidade disciplinar de, ao mesmo tempo, aumentar a força do corpo e sujeitá-lo, torná-lo útil e dócil, ou seja, a disciplina é a anatomia política do detalhe, do treinamento e exercício do corpo para atingir-se determinado fim.

Pode-se pensar, então, a sociedade disciplinar como que um dos cenários em que a sociedade capitalista impõe certas condições à subjetividade. Disciplinar o corpo dentro de uma racionalidade da regra de equivalência generalizada, ou seja, a criação de um indivíduo, um processo de privatização da subjetividade, além da segmentação e homogeneização dos valores.

As sociedades disciplinares, caracterizadas pela organização das formas de confinamento, sucederam de modo progressivo as sociedades de soberania, e vêm sendo substituídas pelo que o autor chama “*sociedades de controle*” que se articulam através do controle contínuo e comunicação instantânea (Deleuze, 1992). Sob uma perspectiva política, a tecnologia se apresenta como uma das ferramentas da sociedade de controle, nova e radical roupagem do capitalismo mundial integrado, e uma vertente na produção de desigualdades.

A partir da presença cada vez mais evidente do campo do virtual e tecnológico em nosso cotidiano. Deleuze (1992) anuncia o declínio das instituições disciplinares e de confinamento estudadas por Foucault - a escola, a fábrica, o presídio, o hospital, o exército - pelo aparecimento de novos dispositivos de controle. Se as técnicas disciplinares operavam em um sistema fechado, os novos dispositivos efetuam-se em meio aberto, apoiando-se na tecnologia para produzir formas ultra-rápidas e instantâneas de controle incessante ao ar livre.

As tecnologias de comunicação e as biotecnologias são ferramentas cruciais no processo de remodelação de nossos corpos. Essas ferramentas corporificam e impõem novas relações sociais para os sujeitos no mundo todo. Rolnik (2000) nos fala da experiência de desestabilização e de fragilidade a que estão expostos os sujeitos contemporâneos, gerando um caráter precário e incerto de subjetividade, o que traz consigo, também, um imenso potencial de criação.

Rupturas culturais: um olhar ao corpo

Mapeando situações, saberes e rupturas a partir de um olhar antropológico, cabe-se acompanhar as transformações da visão sobre cultura e corpo que partilhavam o mundo até chegarmos no momento atual, ao qual gostaríamos de problematizar. O domínio do saber

antropológico, em meados do século XIX, vergava-se para o estudo das culturas focalizando seu olhar para artefatos materiais produzidos, arquitetura e resquícios dos fragmentos deixados pelas civilizações estudadas. O conceito de cultura definia-se e era conceitualizado a partir de um conjunto de produções materiais de um dado grupo. Dessa maneira o grupo que produzisse mais e melhores objetos seriam considerados dotados de mais cultura.

Podemos pensar com isso que a cultura estava localizada fora do homem, sendo apenas produto material de sua evolução. Para a Antropologia Tradicional, assim como nomeia Daólio (2001) a concepção da época sofria atravessamentos da concepção evolucionista de Homem, classificando-o como primitivo ou civilizado de acordo com o seu desenvolvimento evolutivo.

No final do século XIX e início do século XX, com o advento de uma diferente forma de pesquisar as culturas, qual seja, os estudiosos interessando-se em realizar uma prática de campo mais intensa e profunda, começaram a permanecer nas sociedades um tempo mais longo que o até então destinado a este fim. Desta maneira foi-se instaurando na época a pesquisa *in loco*, etnográfica. A partir desse momento uma nova ênfase no estudo do sujeito e da cultura foi sendo construída. A antropologia descrystaliza-se da ciência que coletava curiosidades de povos exóticos para uma ciência com base na compreensão e explicação dos sujeitos e suas particularidades culturais.

A cultura deixa de ser um critério material e externo para ser entendido como um processo dinâmico inerente a todos os humanos. Nasce a partir dessa ruptura epistemológica a Antropologia interpretativa, a qual penetra nas significações e símbolos produzidos pelas e nas pessoas de determinada sociedade.

Mauss (1974), antropólogo Francês, na década de 20 do século passado, cunha um termo que direcionaria o estudo do indivíduo para além do determinismo biológico. Nesse termo - fato social total - é manifestado a consideração do ser como totalidade ao mesmo

tempo biológica, psicológica e sociológica. Passe-se a pensar qualquer ação como um ato social. Logo, um gesto, uma expressão, um movimento passa a ser carregado de símbolos e a recriação e massificação destes inscrevem-se na sociedade traços marcantes.

Ampliando-se os conceitos, foi-se, da mesma forma, recriando noções distintas sobre o corpo. Como o assunto corpo possui uma gama enorme de postulados, interpretações, construções que detém em sua ótica de estudo e entendimento possibilidades variadas, entendemos o corpo ao qual nos referimos longe da concepção naturalista influenciada pelo higienismo do século XIX. Compreendemos o corpo como uma entidade maior do que um conjunto biológico de ossos, músculos, vísceras, articulações, nervos e células, destacando o caráter cultural expresso pelo e no corpo.

Faz-se necessário a ressalva sobre os avanços que a Medicina nos proporcionou no entendimento do corpo humano no decorrer dos tempos, pois contribuiu para que pudéssemos estranhar e entendê-lo ampliando o seu conceito. Citemos Soares e Fraga (2003) sobre as contribuições da anatomia:

(...) é a anatomia quem iria permitir uma descrição rica em detalhes e a elaboração mais sofisticada de um discurso especializado sobre o corpo. É ela que iria precisar os desenhos e, assim criar uma objetividade no olhar. Com essa objetividade, foi possível penetrar em todas as partes e em todas as dimensões do corpo; dominar aquilo que se encontrava até então desconhecido. (p. 84)

A fragmentação corpórea através da Anatomia Humana e o iminente apreço pelos estudos do corpo humano tomam proporções ainda maiores com o incremento dos primeiros microscópios em 1590. Esse novo modelo de intervenção traria atalhos para se analisar o corpo através da pele, fazendo-se com que as fronteiras entre interior e exterior do corpo fossem diminuídas. Novos domínios de saberes foram atravessados e o conceito de corpo como tal, era entendido sob diferentes ângulos e áreas do saber.

Feito a ressalva, passamos ao corpo ao qual desejamos problematizar. O corpo em questão, entendido por nós, como fora já mencionado, é o corpo que expressa princípios e valores construídos em cada sociedade respingados no domínio natural. Ele manifesta a sua paixão e o seu temor, prolonga as idéias e corrói incertezas. Em cada época o corpo demarca e constrói seu estar nas leis criadas, nos rituais exercidos, nos mitos concebidos, nas danças elaboradas, num beijo roubado, num afago carinhoso, no estreito laço do parentesco, na arte serena, na religião pregada. Será que é possível pensar o que criamos e o que somos sem a noção e a elaboração conceitual do corpo? Será que o nosso corpo um dia se tornará obsoleto?²

O corpo apresenta a indissociabilidade entre natureza e cultura. Se por um lado existe um patrimônio biológico universal, que torna todos os humanos membros de uma mesma espécie, por outro, há construções corporais, sociais e culturais diferentes entre as sociedades. Como referencia Daólio (2001), a definição de corpo não depende de suas características biológicas, mas de sua especificidade cultural. Quando tentamos definir uma sociedade com base em seu comportamento corporal, estamos o tempo todo falando de sua cultura, expressa no corpo e pelo corpo. Portanto, o que vai ser determinante na definição de corpo para uma sociedade, além do conjunto de hábitos e posturas próprias desse grupo, será o próprio conceito construído e reconstruído na dinâmica cultural.

Através de processos naturais, definimos o que é – ou não – natural; produzimos, transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas. Os corpos ganham sentido socialmente, feita dentro de um contexto cultural, com as marcas desta cultura (Maluf, 2002).

A autenticidade passa pelo desejo. Fala-se de uma natureza do saber, do desejo, não uma natureza anatômica. O corpo só existe enquanto experiência. Pensar além das capturas

² Ver Gaya, Adroaldo (2005). *Será o corpo humano obsoleto?*

identitárias construídas na normalização das performances de gênero e da sexualidade não implica em negar o papel das balizas identificatórias na (auto) constituição dos sujeitos, mas refletir sobre as formas de dominação que limitam as práticas de invenção de si (Maluf, 2002).

Goellner (2003) menciona que no corpo são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, éticos, etc. O corpo é provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoante o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura, bem como suas leis, seus códigos morais que cria sobre os corpos os discursos que sobre ele produz e reproduz.

Deixa de ser o corpo para tomar a dimensão de corpos, no sentido plural da palavra. Corpos escritos no tempo, ao tempo, com tempo. Formam-se, (de)formam ao vento nas escrituras e discursos de épocas e culturas. Enfim, trataremos do corpo como se fora um gelo despreendido de uma geleira deslizando pelos oceanos sendo apropriado e reinventado conforme construções passageiras de cada pedaço de terra que há de perpassar.

Tragamos o “gelo” para o nosso continente no momento atual: sociedade do consumo, dos ciborgues, da internet, dos laços frágeis, do corpo hipersexualizado, do capital, do desigual, do belo, da estética, do rendimento, do *record*, do faturamento, do sem fronteiras. Focalizemos nosso olhar ao corpo desnudo. Será que nosso corpo deveria acabar na pele? Façamos o entendimento que Goellner (2003) nos traz:

Um corpo não é somente um corpo, é também o seu entorno. Mais do que músculos, vísceras, ossos, o corpo é também a vestimenta e acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, a educação de seus gestos...por fim, não são as semelhanças biológicas que o definem mas, fundamentalmente, os significados culturais e sociais que a ele se atribuem (p.29)

Como exemplo, podemos citar a experiência corporificada de “tornar-se outro”, ao mesmo tempo em que dramatiza os mecanismos de construção da diferença, não deixa de ser um empreendimento anti-hierárquico que desestabiliza as políticas dominantes da subjetividade. Pensar essas experiências de margem talvez nos ajude a repensar o conceito de gênero e identidade, seus limites e suas potencialidades.

Entre onde está esse sujeito híbrido?

Vamos ao encontro de Deleuze e Guattari (1996) quando falam de Corpo sem Órgãos (CsO), fazendo uma reflexão entre organismo e CsO. O primeiro seria semelhante à realidade dos ossos ressequidos, porque está organizado e composto por partes que se destacam e deixam antever funções e tarefas. No CsO, tudo é devir e possibilidades. Nada se destaca, sobressai ou tem função definida. É um componente rizomático, que poderá surpreender a qualquer momento e de infinitas formas. Buscar um CsO é deixar-se livre para transitar de um lugar a outro, é subverter a ordem, é criar, inventar novos modos de relacionar-se com o mundo, diferentes usos para tudo aquilo que já possui ordem, é escapar da codificação, é vivenciar o não codificado. O CsO está completo e “cheio” pelas máquinas desejanças: atravessados por linhas, fusos, fluxos, cortes, sempre em movimento, ser mutante, pós-orgânico³. Devemos inventar nossas próprias linhas de fuga, traçá-las, mesmo que para alguns nunca seja possível fazê-las. As linhas estão sujeitas ao perigo, ao erro, ao abismo. É neste momento que devemos lembrar que são necessárias injeções de prudência.

O desarranjo faz parte do próprio funcionamento, desestabilizando o estável. O CsO não é apenas um conceito, de ficar estratificado no papel, mas antes uma prática, várias

³ Processos de hibridização homem-tecnologia, no qual dribla a obsolescência de sua configuração biológica graças aos *upgrades* fornecidos pela teleinformática e pelas biotecnologias. Tais processos apontam para a ultrapassagem das restrições espaciais e temporais ligadas à materialidade do corpo humano (Sibilia, 2002).

práticas. É sobre ele, o meu, o teu, o nosso, o do outro - que amamos, lutamos, dormimos, agimos, somos capturados, povoamos, fugimos. O CsO é o campo de imanência do desejo, onde se definirá como processo de produção, passando e circulando intensidades. Todos nós temos um pouco de cada e o cada tem um pouco de nós - corpo masoquista, drogado, esquizofrênico, corpo atlético, corpo que consome e se deixa consumir, entre outros.

Falamos agora do corpo-máquina, descrito por Haraway (2000), em *Manifesto Ciborgue*, onde ela coloca a conceitualização do corpo ciborgue como sendo um corpo híbrido de humano e tecnologia. A ficção científica contemporânea e cotidiana está cheia de ciborgues – criaturas que são simultaneamente animal e máquina, que habitam mundos que são, de forma ambígua, tanto natural quanto fabricado (p.40). Lemos (2004) acrescenta que o “corpo funde-se gradualmente com as novas tecnologias. O corpo torna-se um híbrido, campo de intervenções artificiais como a cirurgia plástica, a engenharia genética, as nanotecnologias (p.163)”. Ou seja, a tecnologia não pode ser vista como uma simples intercessora na relação do sujeito com o mundo. O dispositivo corpo-máquina é um contínuo, o mundo da vida está em simbiose com o mundo da técnica.

O corpo passa a ser entendido como narrativa. Haraway (2000, p.105) escreve que “nossos corpos são nossos eus; os corpos são mapas de poder e identidade”. Instigante é conseguir encontrar brechas e dar visibilidade a uma subjetividade capaz de fazer resistência aos movimentos de controle e poder e, paralelamente, carregar consigo uma perspectiva das pluralidades e da igualdade na diferença. Diz-se que os corpos carregam marcas (Butler, 2002). Os próprios sujeitos estão empenhados na produção do gênero e da sexualidade em seus corpos e ao ousarem se construir como sujeitos nesses espaços, na resistência e na subversão das normas regulatórias, eles/as parecem expor, com maior clareza e evidência, como essas normas são feitas e mantidas.

Olhamos para o lado, respiramos, caminhamos e nossa subjetividade, assim, por estas redes tecnológicas, acaba por ser consumida. Entendemos por subjetividade aquilo que não é o ser, mas os modos de ser, não é a essência do ser ou da universalidade de uma condição, não se trata de estados da alma, mas uma produção tributária do social, da cultura, de qualquer elemento que de algum modo crie possibilidades de um 'si', de uma 'consciência de si', sempre provisória. (Bernardes & Hoenisch, 2003).

No momento atual, naturalizamos a artificialidade, o imediatismo e a tecnologia do corpo. (Re)inventamos modos de ser e estar no corpo, transformamos o indesejável em nunca existido, maximizamos e potencializamos o que por nós é admirado e minimizamos o que temos defasado.

Lemos (2004) ao falar da civilização do virtual, destaca que esta lógica impõe a desordem, o inesperado, o ordinário. Com isso, a própria noção de social, classe, indivíduo, gênero, passam a ser problematizadas pela multiplicidade que a virtualização oferece. Através do conceito de ciborgue, é possível compreender os sujeitos e as relações sociais e culturais destituídas de hierarquias sociais, sexismos, racismos. E, além do mais, na virtualização da cultura contemporânea, o corpo vai ser marcado pelo excesso, pelos múltiplos poderes, ele servirá como superfície de escrita de vários textos: ideológico, epistemológico, tecnológico, econômico, político. Será um cenário de experiências, de possibilidades. Entramos na cultura do excesso, onde as margens entre fronteira e cultura entram em colapso.

Haraway (2000) destaca que a idéia de ciborgue surgiu a partir de três abalos de fronteira: animais x seres humanos, orgânico x inorgânico e físico x não físico. Fomos transportados a uma subjetividade híbrida, que escapa da rigidez identitária, meio orgânico, meio artifício, identidade parcial e contraditória, aceita a diferença ao invés de lutar contra ela, sugere uma forma simples de sairmos do labirinto dos dualismos.

Os ciborgues podem ser entendidos de duas maneiras: o *ciborgue protético* – que utiliza o próprio corpo para sofrer mudanças, e o *ciborgue interpretativo* – que sofre influência da mídia, da cultura de massa e do espetáculo, onde é dominado e transformado em pura programação tecnológica; uma subjetividade marcada pelas redes informacionais, pensador multimídia, corpo funcional multifacetado, conectividade generalizada.

Elucidamos essa questão com um exemplo narrado no vivido. Hoje em dia, quando vamos a uma partida de futebol torcer pelo nosso time, procuramos e esperamos o momento mais sublime da partida: o gol. Este gol, em muitos casos, pode não ser visto no momento em que acontece. Seja por estarmos no banheiro, indo comprar uma bebida, conversando com nossos amigos, falando no celular ou tirando fotos. Logo, o fato mais esperado pelo torcedor poderá passar despercebido. Fica registrado o placar da partida, porém, a imagem do gol contra o adversário não fica marcada, porque não a visualizamos.

Ao chegarmos em casa, ligamos a TV para assistir ao noticiário da vitória de nosso time. A partida de futebol já passa a ser vista com outros olhares, pois ela está interceptada por narradores e comentaristas esportivos, vemos o gol a primeira vez pela tela do aparelho eletrônico e, ainda, sob diversos ângulos e com direito a *replay*. O gol no campo passa a ser de um segundo, de um instante, e muitas vezes não visto. Enquanto que o gol virtual visto de casa é múltiplo, atemporal, com opções. Ou seja, pode-se gravar a imagem, congelar e repeti-la quantas vezes achamos necessário.

Mendonça (2001) destaca que quando falamos do corpo e da sua hibridização ou interação com a máquina, encontramos o vínculo entre o social e a subjetividade. As metamorfoses sofridas pelo corpo, seja através do objeto artístico ou nas experiências tecnológicas, estão imbricadas em estratos e códigos sócio-culturais e fluxos espaços-tempos que além de modelizar o corpo, modelizam a subjetividade. Louro (2004) diz que não há

corpo que não seja, desde sempre, dito e feito na cultura, descrito, nomeado e reconhecido na linguagem, através dos signos, dos dispositivos, das convenções e das tecnologias.

Tecnologia nas Práticas

Levemos a tecnologia para as práticas esportivas, no que se refere ao alto-rendimento. Testagens computadorizadas de velocidade, de impulsão, de força encontram-se engendradas a predição e medição de tempo, quilometragem percorrida, gasto calórico. A análise do lactato, a partir de uma gota de sangue que serve de busca de otimização de resultados, os suplementos alimentares, os uniformes anatômicos, o material leve, enfim, artifícios que fazem o atleta buscar uma potencialidade além dos recursos corpóreos inatos aos seres humanos. Será que em algum dia pensamos que poderíamos estar conectados a satélites por um relógio e este pudesse nos orientar por onde ir, quanto correr, quantos quilos emagrecer?

A busca do *record*, a exigência de patrocinadores, a fama, o dinheiro, o tempo, o esquecimento, o mérito, o reconhecimento. Todas essas variáveis entram em contato diário com os atletas e os atravessam subjetivando-os a partir desta lógica do desespero⁴ que com mais frequência insiste em participar em conjunto aos treinos cotidianos.

A carga da conquista é muito pesada. Para conseguir ganhos, na maioria das vezes, utiliza-se da tecnologia de uma maneira exacerbada, naturalizando o modo híbrido de ser atleta. Surgem as tensões e torções: Será que o limite do corpo humano chegou ao final? Será que o limiar entre o humano e o artificial está separado por milésimos de segundo? Será que a eficácia de um chute a gol no futebol está condicionada a um artefato mais leve ou com mais ranhuras nos pés?

⁴ Termo cunhado por nós para designar a busca a qualquer e a todo custo para satisfazer necessidades atléticas envolvidas no âmbito esportivo com a performatividade existente por atletas de alto-rendimento.

Não seremos ingênuos de pensar que a tecnologia é um mal para o atleta, longe disso, veio ao encontro de necessidades que deveriam ser supridas. Por exemplo, sabemos que um atleta possui um gasto energético diário muito elevado e que para suportar a rotina de treinos mantendo a homeostase orgânica, só conseguirá através do uso de suplementos e complementos alimentares, pois a demanda funcional não seria equilibrada somente através da alimentação regular. Desta forma minimizam-se os efeitos negativos advindos da carga de trabalho feita pelo corpo humano, recuperando-o para a próxima carga de trabalho.

Fica evidente que técnicas para medir e trabalhar a velocidade, a força, entre outras, têm sido de grande valia, pois consegue prever, identificar e dar visibilidade aos pontos específicos a ser trabalhado pelos atletas, e sem eles o trabalho para focalizar a demanda ficaria dificultado.

O que desejamos problematizar é a naturalização destes adventos tecnológicos que constroem modos de ser atletas de hoje em dia, onde o corpo é tratado como uma máquina, assim como a cultura societária passa a assumir responsabilidade sobre a manifestação corporal do homem. O dinheiro, a pressa, o individualismo, a tecnologia, a lógica do mercado, o artificialismo tomam conta do corpo e da subjetividade.

Lipovetsky (2004, p.122), fala sobre os tempos hipermodernos, ampliando o prefixo “hiper” para outras esferas da vida, como por exemplo, hiperconsumo, hiperindividualismo, hipernarcisismo. A hipermodernidade multiplicou as temporalidades divergentes. Hoje, o que se busca no consumo é, antes de tudo, uma sensação viva, um gozo emotivo. É um consumir sem esperar, divertindo-se, não renunciando a nada, consumir e consumir-se.

O que caracteriza o “hiperconsumo, ou consumo-mundo, é o fato de que até o não econômico – família, religião, sindicalismo, escola, procriação, ética – é permeado por esta mentalidade”. Cabe destacar que esta relação não elimina os valores humanos, dos sentimentos, da amizade, do altruísmo. Quanto mais se impõe a mercantilização da vida, mais

comemoramos os direitos do homem. Podemos pensar numa cultura do excesso e, de forma ambígua, da moderação e do equilíbrio. O autor faz uma crítica a Foucault (sociedade disciplinar) e a Bourdieu (classes sociais), ao escrever que a análise do social se explica melhor pela sedução que por noções de disciplina e alienação. Partindo de conceitos como moda e consumo para analisar a dinâmica social, Lipovetsky explica que há uma desvalorização do passado e valorização do novo; o individual reacende sobre o coletivo, há uma subjetivação do gosto, caracterizando o resultado de novas valorações sociais ligadas a uma nova posição e representação do indivíduo.

Não sabemos ser atletas sem a gota do lactato, sem o tênis leve, sem o relógio com tecnologia GPS⁵. Somos subjetivados por esta cultura onde o corpo e as tecnologias são um só. Direcionamo-nos ao entendimento do corpo tecnológico, onde os artefatos, os valores recheiam e estendem-se sobre o corpo retirando a dissociação entre corpo-máquina.

A profusão de equipamentos baseados no princípio da informação e da tecnologia perpassa os domínios da vida cotidiana, estando à tecnologia onipresente, colonizando e construindo-se mutuamente com o dito natural. A questão do artificial se descola, assim, de uma possível dicotomia com o natural, pois a sociedade e o homem se formam no processo de artificialização do mundo. Sendo assim, o homem sem arte, sem técnica mental e gestual, nos é desconhecido (Lemos, 2004, p.165). O desempenho atlético é um devir-ciborgue, onde a gênese da técnica é resultado de um processo simbiótico que forma o homem, a técnica e a cultura.

⁵ GPS: tecnologia monitorada via satélite. Prevê velocidade, quilometragem, localização no espaço-tempo através de um relógio ligado ao satélite.

REFERÊNCIAS

- Bernardes, A. G. & Hoenisch, J. C. D. (2003). Subjetividade e identidades: possibilidades de interlocução da Psicologia Social com os Estudos Culturais. In: Guareschi, M. F. & Bruschi, M. E. *Psicologia Social nos estudos culturais: perspectivas e desafios para uma nova psicologia social*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Butler, J. (2002). *Cuerpos que importan: sobre los limites materiales y discursivos del "sexo"*. Buenos Aires: Paidós.
- Daólio, J. (2001). Antropologia Social e a Educação Física: Possibilidades de encontro. In: Carvalho, Y. M. & Rubio, K. (Orgs.) *Educação Física e Ciências Humanas*. São Paulo. Ed. Hucitec.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1996). *Mil Platôs*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34.
- Deleuze, G. (1992). *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34.
- Foucault, M. (1977). *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. Porto Alegre: Vozes.
- Goellner, S. (2003). A produção cultural do corpo. In: Louro, G. L. & Neckel, J. F. (Orgs.). *Corpo, Gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis, RJ. Ed. Vozes.
- Haraway, D. J. (2000). Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo – socialista no final do séc. XX. In: Silva, T. T. (Org.). *Antropologia do ciborgue – as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Kunzru, H. (2000). Você é um ciborgue: um encontro com Donna Haraway. In: Silva, T. T. (Org.). *Antropologia do ciborgue – as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Lemos, A. (2004). *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre, Sulina, 2^aed.

- Lipovetsky, G. (2004). *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Editora Barcarolla.
- Louro, G. L. (2004). *Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Maluf, S. W. (2002). Corporalidade e Desejo: Tudo sobre minha mãe e o gênero na margem. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis/SC, v. 10, jan. 2002.
- Mauss, M. (1974). *Sociologia e antropologia*. São Paulo. Edusp, v.2 .
- Mendonça, C.C. (2001), Subjetividade e tecnologia: as novas máquinas produtoras de corpos. Artigo em versão ampliada do trabalho apresentado no *VIII Colóquio Internacional de Sociologia Clínica e Psicossociologia*, UFMG, 2001. Recuperado em 2 novembro, 2006, de www.bocc.ubi.pt
- Rolnik, S. (2000). Novas figuras do caos – mutações da subjetividade contemporânea. In: Fonseca, T. & Francisco, D. *Modos de ser e habitar na contemporaneidade*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS.
- Sibilia, P. (2002). *O homem pós-orgânico – corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Soares, C. L. & Fraga, A. B. (2003). Pedagogia dos corpos retos: das morfologias disformes às carnes humanas alinhadas. *Pro-posições*. Campinas, SP: Faculdade de Educação, v.14, n.2, maio-agosto.